



O RIO USUMASINTA.

Este rio, cujo nome apenas é conhecido e o curso incerto sómente esboçado nos mappas, merece comtudo o primeiro lugar entre os da America central, segundo as recentes averiguações de mr. A. Morellet. Nasce nas montanhas do Peten, ao sul da provincia de Yucatan, e atravessa de leste a oeste as solidões selvosas, onde vagueiam os ultimos individuos da nacionalidade india, recebe entre os seus afluentes o Lacantun, que poderia disputar-lhe a preeminencia; afinal depois de ter galgado o obstaculo das montanhas, abre um leito fundo nas alluviões do Tabasco e desemboca por tres ramos na lagoa de Terminos e no golpho do Mexico.

Pode computar-se em cento e cincoenta leguas pelo menos toda a sua extensão, cuja metade inferior é accessivel ás embarcações que não demandam mais de doze pés d'agua; a tres leguas de Tenosico, ultima aldéa do Tabasco meridional, o leito d'este rio ao sair das montanhas é obstruido com rochedos que interrompem a navegação absolutamente; aproximando-se do mar o declive é tão pouco que as aguas se derramam em vastos paúes, ou se escoam por alguns canaes que formam um labyrintho tão intrincado que é mui difficil percorrel-o. Nas bordas d'estes pantanos eternos cresce o precioso *páu de campeche*, principal alimento do commercio d'estes districtos; além d'isso, a terra enxuta é dotada de um vigor e força de fecundidade inesgotavel, produzin-

do com pouca lavoira assucar, café, tabaco, especia-
rias, em summa todas as produções naturaes d'este
clima. M.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

Os estudos n'este collegio principiaram por uma classe de rhetorica, humanidades, grammatica latina, theologia moral, e explicação da esphera, que é uma parte da mathematica.

A classe durava tres horas pela manhã, e outras tres de tarde. Não tinham sueto em toda a semana, e até mesmo aos domingos de tarde acudiam os estudantes a ouvir a doutrina.

A proposta d'estes estudos foi feita a el-rei D. João III, pelo provincial Diogo de Miram, que para isso recebera ordem de Santo Ignacio. El-rei fez baixar um decreto á camara da cidade propondo este negocio dos padres, ao que os vereadores annuiram pondo sómente a cidade por condição que os da compa-

AGOSTO 30, 1856.

nhia fossem obrigados a receber em suas escolas os filhos de Lisboa, primeiro que os forasteiros.

Indo um dia el-rei D. João a este collegio ouvir os mestres, ficou tão satisfeito que d'ahi lhe veiu o pensamento de entregar aos padres da Companhia o collegio das artes e estudos menores em Coimbra, como effectivamente poz por obra.

No anno de 1553, por creditos do infante cardeal D. Henrique, conseguiu a Companhia formar novo collegio em Evora, e em 29 de agosto d'esse anno ahi se principiaram os estudos.

Tambem data do primeiro de outubro d'esse mesmo anno a fundação da casa professa de S. Roque.

Como ao diante temos de tratar especialmente de todas as casas que teve a Companhia, deixaremos para depois mais ampla noticia d'ellas, passando agora a fallar do novo collegio de Santo Antão, que foi a principal que tiveram no reino.

Collegio de Santo Antão.

No sitio onde hoje existe o hospital de S. José estava assentado este collegio.

Para se distinguir da pequena residencia que os padres tiveram, como acabamos de ver, no sitio da Mouraria, recebeu o edificio de que vamos fallar, o titulo de Santo Antão o novo.

E o motivo que houve para esta fundação foi reconhecer-se o aperto da antiga casa, sem commodidade para n'ella se instituirem doze classes de latim, um curso de artes, uma lição de casos, e outra de mathematicas, como então projectava o cardeal D. Henrique.

Foi este infante que tomou o titulo de fundador da nova casa. Era elle n'esse tempo arcebispo de Lisboa, e proveu á sua edificação com as rendas que desannexou d'outras egrejas, e foram confirmadas pelo papa Pio v, em janeiro de 1567.

Para a fabrica ir por diante se lhe applicou depois em 1574 a obra pia da casa da India, que vinha a ser pagarem os que despachavam n'ella por cada quintal de pimenta 50 réis; e por cada quintal de canella, cravo, gengibre, massa, noz moscada, anil e lacre, 100 réis.

Antes de contarmos a escolha do local para a edificação do collegio, não virá fora de proposito já que fallámos n'esta doação da obra pia feita por el-rei D. Sebastião em Almeirim, aos 10 de Janeiro do referido anno de 1574, estamparmos o que a este respeito se lê n'um manuscripto que existe na Bibliotheca Publica de Lisboa. Diz assim:

«E como o Collegio posta a doação se obrigou a sustentar os mestre para as ditas classes, ficou em todo o vigor sendo contracto oneroso. E na verdade o não foi pouco para o Collegio, porque ainda que no tempo que se lhe fez a doação, e nos annos proximos que se lhe seguiram a ella fosse a renda consideravel, e mui sufficiente para sustentar os mestres a que o Collegio se obrigou; depois porém se foram achando na dita consignaçoão muitas e grandes quebras, porque unindo-se no anno de 1580 a corôa de Portugal á de Castella ficou o reino tendo contra si por inimigos todos os que o eram de Hespanha, tomando-lhe algumas vezes as naus, e outras fazendo-as dar á costa, e a naufragar, em que vinham a faltar na Casa da India as drogas que haviam de dar a renda para o sustento dos mestres. Cresceu mais a falta depois que os holandezes se fizeram senhores das Molucas, d'onde vinha o cravo, e de Ceilão que nos dava toda a canella que vinha a Portugal, e de

Lisboa se repartia por toda a Europa. E como não só os holandezes, mas tambem os inglezes e dinamarquezes trazem hoje da India grande copia de pimenta, não fica tendo conta vir muita a Lisboa, bastando pouca para provimento do reino: e assim não são poucos os annos, em que na Casa da India se não pesam na balança quinhentos quintaes de pimenta, sendo que em outro tempo chegavam á balança vinte e quatro, e vinte e cinco mil quintaes, com que vem a ser hoje mui diminuto o rendimento que resulta ao Collegio, pelas drogas que vem da India, dando-lhe no tempo presente maior utilidade o cravo e cacau que vem do Maranhão e Gran-Pará, porque como as ditas drogas se despacham na Casa da India, paga-se ao Collegio um tostão por cada quintal, como tambem se paga o mesmo do marfim que vem de Angola.»

Esta chronica foi escripta pelos fins do seculo xvii, e de proposito fizemos o seu transcripto, para se conhecer como já n'esse tempo o nosso grande commercio ia em decadencia, provindo a maior parte d'este mal da junção com a Hespanha n'esses sessenta annos, em que perdemos muitas e boas colonias. Este commercio da India vinha todo para Lisboa, para se repartir depois pelos outros reinos da Europa. Era uma riqueza que os outros reinos bem nos invejaram, e se não esqueceram de nos apoiar, apenas se lhes offerece ensino; o que a propria Hespanha, que nos tratava então como a uma madrastra, não lastimava muito, porque nos deixava abatidos e empobrecidos para melhor firmar seu predominio.

Continuemos na historia do collegio.

Decidido que foi levantar-se nova fabrica mais vasta e accommodada ao intento, procurou-se terreno onde não fosse necessario comprar muitas casas para derrubar, e se lograssem bons ares e saudaveis, com vistas largas e aprasiveis.

Descobriu-se local conveniente no alto do Jogo da Pella, comprehendendo o espaço que corria para a parte do mosteiro de Sant'Anna, que já áquelle tempo existia, e para os lados de S. Lazaro, e que eram pedaços de terra e olivaeis.

Comprados esses terrenos, determinou el-rei D. Sebastião ao senado de Lisboa, em provisão de 1578, que dessem ao collegio, para cerca, um pedaço do campo que pertencia ao curral. Era o terreno que corre hoje pelo corredor de Sant'Anna, e volta pela extremidade sul do campo do mesmo nome, vindo fechar em volta ahi por S. Lazaro.

Este pedaço de terreno que se tirou ao senado foi causa de longas e fortes contestaçoões. Apenas os vereadores da camara foram a demarcar o sitio, se levantou grande alboroto, não só pela contradicção dos vizinhos empregados no curral, como do padre capellão das religiosas de Sant'Anna, que se premuniu de excommunhões contra os da Companhia e officiaes do senado. Os empregados do curral armados com pedras, e mais armas que encontravam á mão, obrigaram os padres e os demarcadores a largar o campo, e desistir do intento.

A chronica do padre Balthazar Telles diz a este respeito:

«E na verdade o reverendo padre confessor ou era mui zeloso, ou andava mui colerico, porque nenhum vagar nos dava, e tanto que ali chegavam os nossos com os vereadores, apparecia logo no mais alto do campo, e começava a fulminar excommunhões, sem cessar até que os vereadores se retiravam. Ao som das censuras do padre confessor, se meneavam as ar-

mas da soldadesca do curral, que era muita somma de pedradas, de que jogavam alegremente: facilmente se retiravam os da camara e obedeciam ás excommunições do padre confessor, porque de muito má vontade nos vinham dar esta posse, e assim se recolhiam todos, uns fugindo das censuras, outros guardando-se das pedradas.»

Por causa d'estas contradicções, esperando os padres melhor occasião para murarem a cerca, lançaram, quasi que em segredo, a primeira pedra ao principal corredor do collegio, em 11 de maio de 1579, e pouco foi então avançando a obra.

Já o cardeal fundador tinha sobre a cabeça a corôa de Portugal, quando as murmurações récresceram pelo cabedal que ali se gastava.

Chegaram a tal ponto essas murmurações que o senado recorreu a el-rei, pedindo-lhe por mercê fosse servido de mandar desistir da obra, por não permitirem aquelles tempos fabrica de tanto custo, e que o muito que se havia de fazer no edificio do collegio seria melhor se empregasse em acudir aos que nas masmorras d'África, com lagrimas e gemidos solicitavam resgate para alcançar a liberdade que tinham perdido servindo e acompanhando o seu rei.

D. Henrique (que á introducção da Companhia em Portugal, se lhe não mostrara afeiçoado, mas que depois tanto a tomara em estimação que chamara aquelles padres para o seu collegio d'Évora, e fôra o fundador do novo aqui ao cimo do Jogo da Pella) respondeu ao senado, que a renda que dera ao collegio não era da corôa, porque toda a que lhe tinha applicado fôra ecclesiastica, e com beneplacito e approvação do Pontífice. Que além da dita renda não havia outra mais que a obra pia da casa da Índia, de que se fizera esmola com obrigação de n'elle serem mais os mestres; mas que nunca fôra sua tenção que o tal edificio se fizesse á custa da corôa, intentando sómente que os padres com o que poupassem de seus gastos, e lhes sobejasse de suas rendas fossem fazendo o collegio; e que assim podiam estar sem cuidado de que a fundação do novo collegio não havia de ser impedimento para divertir de acudir como podesse ao resgate dos que estavam no captivo d'África.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

ANOMALIA VEGETAL.

É hoje doutrina corrente em botanica que os órgãos mais complexos das plantas, resultam das transformações porque passa o órgão essencial ou embrião.

As stipulas, as bracteas, e todos os virticillos que estas constituem; o calice, corolla, estames, carpellas e sementes, todas estas partes, diversas apparentemente, não são mais que folhas livres ou soldadas, esgotadas ou expandidas, abertas ou fechadas, completas ou reduzidas a alguma de suas partes.

As investigações dos sabios tem esclarecido muito este ponto da sciencia, e a ellas se deve o conhecimento perfeito dos caracteres que servem para distinguir aquelle órgão atravez de todos os seus disfarces.

O que, porém, ainda se não tem conseguido é conhecer a lei segundo a qual estas metamorphoses se operam. Se a tanto se chegar, como é possível, talvez resulte d'esta importante conquista o poderem-se explicar certos phenomenos organicos que, por

serem pouco communs, os homens da sciencia consideram excepções da lei ou leis geraes da organisação vegetal ou anomalias.

Exponhamos as nossas idéas ácerca d'estes phenomenos excepçionaes.

A natureza adoptou na formação dos animaes e das plantas certos typos ou normas que se descobrem em todos os entes organicos. Para o zoologista não ha animal que não seja vertebrado, annellado, mollusco ou zoophyto; para o phytologista qualquer planta ou hade ser monocotyledonea, ou dicotyledonea, ou agama. Se um ente vegetal ou animal não apresenta plenamente transcriptos em si os caracteres de qualquer d'aquelles typos; se a organisação em uma ou mais partes se desvia da norma, isto é, se não condiz com a pluralidade dos entes, temos uma anomalia.

Mas, será a anomalia, como indica o nome e muitos supõem, uma excepção ou será, como querem outros, um erro da natureza, resultante de ter ella sido contrariada e impedida na execução das leis que se impoz, por circumstancias diversas? Eis aqui dois problemas de physiologia geral ou antes de philosophia transcendente, que não estão resolvidos e que difficil será resolver.

As excepções ou são convencionaes, como as das leis humanas, e n'este caso não significam ignorancia, limitação de poder, ou insufficiencia scientifica; ou são absolutas, e então indicam as condições que não revelam as primeiras. Ora admittir que a natureza, ou, mais propriamente, que Deus, preestabelecendo as leis porque o universo se deveria reger, lhes preestabeleceu tambem excepções, é confessar implicitamente que o seu poder e sabedoria illimitada encontraram obstaculos invenciveis na execução da sua obra, que lhe foi mister respeitar. Esta hypothese repugna.

O erro, isto é, a impossibilidade de chegar plenamente ao fim proposto pelas leis preestabelecidas, o desvio forçado d'esse mesmo fim pela invencibilidade dos obstaculos ou pelo imperfeito poder do Ente Supremo, não se pode tambem admittir.

Como se devem, pois, considerar estes phenomenos em que a natureza parece aberrar da sua marcha regular e constante?

Em quanto a nós, devem-se considerar como factos subordinados a uma lei que o homem ainda não conhece nem poderá formular enquanto o numero d'esses factos fôr relativamente pequeno e não tiverem sido convenientemente observados.

Poderíamos citar muitos factos para corroborar esta nossa opinião, porém julgamos-o escusado.

Enganam-se os menos instruidos quando, ao lerem nas obras scientificas as leis geraes que regem a materia inerte e organizada, supõem que á sua descoberta se chegou facilmente ou que se devem considerar como principios d'intuição. Pelo contrario, estas conquistas tem custado quasi sempre, muitas e mui minuciosas e aturadas observações, experiencias e raciocinios. Digam-n'o Kepler, Herschel, Galvani, Mariotti, Torricelli, Newton, Galileo, Liebig, Cuvier, Carus, Dutrochet, e infinitos outros.

Repugna admittir que se dê na natureza um facto que não haja sido providencialmente ordenado e que não corresponda a uma lei.

Tanto é este o sentir dos verdadeiros sabios que até muitos d'elles tem consagrado a vida toda, com grande sacrificio e avultadas despezas, para chegarem á solução de problemas que julgavam existir, mas que não sabem com certeza se existem, e que só

d'aqui a seculos se chegarão a conhecer e a resolver. Nem julguem absurda a nossa asserção.

Uma das sciencias que hoje se estuda com mais desinvolvimento e com maior perseverança e despendio é a meteorologia.

Sé perguntarmos a um meteorologista o que espera d'aquella sciencia, dir-nos-ha, cheio de esperança e confiado nos resultados que já se tem obtido, que é impossivel calcular todas as suas consequencias; mais claro, que não só poderá vir em auxilio da medicina explicando as causas do apparecimento, engravencimento e declinação de varias doenças, se não tambem da navegação aquatica e aerea, da agricultura, e hygiene, etc; e que do seu estudo deve resultar o conhecerem-se phenomenos, que ainda hoje passam desapercibidos, como passaram por muito tempo os das horas criticas, o do osone, e o das linhas isothermes, e a subjeitarem esses a novas investigações, que revelem leis novas.

Fundados nas considerações, que deixamos expostas, temos que seria um grande serviço á sciencia voltarem os sabios a sua attenção para as anomalias que apresentam os entes organicos e consideral-as sob todos os pontos de vista possiveis, affim de chegarmos, em tempo, aos resultados que desejamos e antevemos. Este estudo, porém, não é para um só individuo, nem é para poucos annos. Demanda a coadjuvação de muitos homens, sabios e dedicados.

O que se tem escripto a respeito das anomalias animaes, não esquecendo os trabalhos de Geoffroi Saint-Hillaire, é pouco absolutamente fallando, e

muito em relação ao que ha a fazer a proposito do reino vegetal.

Não seremos nós os que, em Portugal, mettamos hombros a tamanha obra, mas, ao menos, convidaremos outros a que a empreendam. Ha na nossa terra muitos pharmaceuticos instruidos que accumulam com o exercicio da pharmacia a direcção d'extensos trabalhos agricolas; ha pelas provincias muitos medicos intelligentes e conbecedores d'agronomia; ha finalmente lavradores da reconhecido merito e associações agricolas que promettem muito bons serviços á sciencia. A esses todos cumpre começar este estudo. Como elle deve ser dirigido dil-o-hemos n'outra parte. Por agora limitamo-nos a indicar-lhes dois alvitres: primeiro a descripção rigorosa das anomalias acompanhada do desenho, representando os orgãos externa e internamente: segundo a indicação de todas as circunstancias que possam concorrer para a sua explicação. Para isso estará sempre este jornal patente a todos. É pena que tendo nós publicações scientificas, sejamos a nação que menos publicidade dá ás suas coisas, resultando d'isto irmos ler em jornaes e livros estrangeiros factos que nos dizem respeito, que seus autores cá vieram estudar e que geralmente são ignorados no paiz.

Para exemplo e incitamento apresentaremos já hoje o desenho fidelissimo d'uma anomalia vegetal, cujo original teve a bondade de confiar-nos o ill^{mo} sr. Francisco Antonio Ferreira, rico proprietario de Lisboa, que a colheu na sua quinta de Cintra.



É um limão tendo o apice cortado por cinco profundos lobulos, que o dividem, até á terça parte do seu comprimento, em cinco porções digitiformes, recurvadas, adelgaçadas para as extremidades, que são terminadas por pequeninas pontas rijas e persistentes. Tem de comprimento desde o pedunculo até a extremidade da digitação media 0^m 21 e de grossura na parte onde começam as divisões 0^m 18. O modo porque as digitações estão dispostas dá-lhe o aspecto da mão d'um homem, cujos dedos meiminho e pollegar estivessem aproximados pela flexão da palma, estando o indicador um tanto sobreposto ao pollegar, o maior no meio d'elles, e o annelar encostado por de traz do meiminho. A côr, cheiro e aspecto do epicarpo são normaes. Em todos os limoeiros da quinta só appareceu esta anomalia; os outros limões eram naturaes.

Não o abrimos, como desejavamos, porque o cavalheiro que teve a benevolencia de nol-o confiar tinha gosto de conserval-o intacto, e por isso não po-

demos dizer nada positivamente da sua estrutura interna. É provavel que houvesse separação das carpellas em cinco grupos, resultante cada um da união de varias d'ellas, e que estas carpellas abortivas e separadas se desinvolvessem formando os cinco prolongamentos; ou que o epicarpo, que alguns botanicos consideram como mero prolongamento da casca do tronco, se dobrasse para dentro como acontece com a placenta, quando forma os falsos dessipimentos no ovario, e que atrophiasse as carpellas na totalidade ou em parte, substituindo-as. Por serem as digitações em numero igual ao das divisões do calice e ao das petalas, e por terminarem em ponta lenhosa, que provavelmente é formada por um feixe do estylete, pode ter-se por mais plausivel a primeira hypthese.

Esperamos que os nossos collegas nos transmitam quaesquer noticias, relativas ás doenças das plantas, as quaes gostosamente publicaremos.

JOÃO JOSÉ DE SOUSA TELLES.

POETAS DA ARCADIA PORTUGUEZA.

III

ANTONIO DINIZ DA CRUZ E SILVA.

NA ARCADIA — ELPINO NONACRIENSE.

1731—1779.

IX

Os ensaios de Elpino são tão variados, e abraçam aspectos por tal modo oppostos, que não é empresa facil para a critica acompanhá-lo.

Na impaciencia de assignalar o engenho, tentando os generos mais diversos, o poeta fecha os olhos voluntariamente, e arroja-se com ousadia, sem consultar a indole, não o assombrando nem o grande vulto dos mestres, que lhe deveriam impor respeito.

As suas elegias, e propriamente dita não se publicou senão uma, confirmam, a nosso ver, este severo conceito.

O poema pretende memorar o terremoto de Lisboa, mas apesar de encurtado e pulido depois, não se recommenda pelas qualidades do estylo, ou pelo grandioso das idéas; falta-lhe mesmo a correccão, que se encontra em outros cantores de menor fama.

O espectáculo sublime que descreve, não acendeu na mente ao vate aquella divina chamma, que illumina de clarões sinistros, porém admiraveis, a pintura do incendio de Troya nos bellos versos de Virgilio; pelo contrario as declamações, que lhe soccorrem a frouxa inspiração, não passam de usadas e conhecidas muletas, indignas do assumpto, e do talento do Diniz.

As imagens, umas frias, outras descoradas, e quasi todas improprias, salvos raros versos, desafinam a cada passo, e pouco honrariam até a lyra noviça de um principiante.

Escrepta em tercetos, a poesia não tem o vigor e a elevação, que tornou immortaes os carmes, fundidos em bronze, que a ira do Dante insculpiu vingativa na entrada do abysmo de dôres, aonde nem a esperança, sempre a ultima a deixar-nos, se atreve a penetrar!

Não exageramos. Lendo-se de animo tranquillo, e com proposito firme de benevolencia a elegia de Elpino, custa a crer que o mesmo homem seja o emulo de Pindaro e Anacreonte, e o competidor não offuscado de Boileau!

Daremos alguns exemplos para que não supponham, que receiamos a confrontação dos metros censurados.

Eis o exordio:

Ai que funesto objecto, e que horroroso
Estão aos olhos offerecendo,
As ruinas que observo lacrimoso!
Que enorme confusão! que estrago horrendo!
Onde a idéa esmorece, e duvidando
Quasi fica do mesmo, que está vendo.
Será este, que absorto estou notando,
O misero destroço de Corintho
Ou de Numancia o estrago miserando?

Bem se vê, que o debil ardor do poeta se desvanece logo, apenas alinha e perfila algumas exclamações theatraes, — das mais corridas e comuns.

À magreza da invocação corresponde o resto.

Querendo traçar em esboço o painel da scena de infortunios, que dentro em minutos converteu a capital opulenta em um deserto de ruinas, e misérias, não achou o Diniz melhor, do que os tercetos, que seguem!

Das entranhas da terra a fronte irada
O sulfureo vapor subito alçando
N'um ponto só te reduziu a nada.

Ai que scena de horror! Que aspecto infando
À consternada idéa me apresenta
Esse instante fatal e miserando!

Caem os altares, cae o santo templo,
Deixando nas ruinas sepultados
O povo e sacerdotes, triste exemplo!

A outra elegia, extrahida de uma obra em verso e prosa, que o autor não chegou a concluir, e que desejava moldar pela *Luzitania Transformada*, é mais um canto pastoril, com assomos delicados de ternura, do que um ensaio no gosto de Tibulo, e dos traslados romanos.

Coisa notavel! N'esta admiram-se os rasgos de imaginação, as bellezas de phrase, e as côres animadas, que a primeira só nos offerece por excepção!

Os tercetos, em que tambem se acha metrificada, parecem de outra musa, tão faceis e harmoniosos se desatam! As allusões são finas, as pinturas risonhas ou melancolicas, segundo pede o objecto, não esmorecem, e a paixão que se lastima em amorosas endeixas pela bocca do pastor, não desmente na doçura e no requebro as mais enlevadas queixas dos namorados cantares de Rodrigues Lobo.

Para se notar a differença, abrindo o livro ao acaso, apresentaremos algumas amostras, tanto do descriptivo, como do monologo.

Ali se vêem nascer entre outras flores
O vaidoso Narciso, que inda agora
Em as aguas contempla seus amores.
O Jacinto infeliz, que Phebo adora,
Clicie, que a luz do sol segue constante,
E o moço, por quem Venus inda chora.

Andam na selva os passaros aos pares
Voando d'um raminho a outro raminho,
De harmonia enchendo os ares.

A mellifera abelha, susurrando
Colhe das lindas flores o rocio
Que vac em doces favos transformando.

Estas são as tintas do quadro, com o desfavor, assim mesmo, de sairem truncadas.

Escutemos agora os delirios queixosos do pastor magoado.

Quantas vezes suspenso no que via
Receci que as venturas, que lograva,
Fossem só illusão da phantasia!
Com menos ancia a vide se enlaçava
No verde olmo apertando os fortes laços,
Com que no amado tronco se enredava;
Do que nós em suavissimos abraços
Entre aterradas ancias e suspiros
Formamos a prisão de nossos braços!

A rima é pobre, e a phrase pouco opulenta, não o ignoro; mas, respira-se em ambos os trechos tan-

to á vontade o perfume do campo, e aquella saudade entristecida e intima do passado, que é o maior espinho do presente, quando chora o que perdeu, que as nodos e os defeitos desculpam-se levemente.

Estes versos do Diniz, muito superiores a milhares d'elles, que admittiu na sua collecção de *Idyls*, levam-nos a deplorar, que a morte, ou a indiferença, deixasse interrompido o livro, em que haviam de figurar.

São visiveis de certo as reminiscencias do estylo da *Luzitania Transformada*, percebe-se que Elpino conservava o modelo diante da vista; porém, não se pode negar, que o excede em partes — e que o todo se não baixasse das proporções guardadas n'este genero promettia á Arcadia um primor cuja valia n'aquelle tempo não tinha preço.

O genio de Ovidio, talvez o mais fecundo e engenhoso de toda a antiguidade, no poema das *Metamorphoses*, não suspendeu, nem desalentou Elpino.

Medindo-se com o poeta da *Arte de Amar* na obra mais louvada, e mais digna de o ser, não duvidou travar a luta com a certeza de ficar vencido.

Nas doze *Metamorphoses*, que deixou compostas, e que todas se referem a scenas, cujo theatro é a natureza luxuosa e esplendida do Brazil, Antonio Diniz, apesar da immensa distancia que o separa do modelo inimitavel, nem por isso desmerece do conceito, que lhe grangearam as outras tentativas, menos arriscadas.

Ha trechos nas poesias americanas, tão ricos de colorido, e tão apaixonados nos affectos, que ainda viveriam hoje na memoria, se a lima, por esquecida, os não houvesse despresado.

O que n'ellas fere mais o gosto é a falta de correccção. A força de preferir a abundancia á madureza, o cantor não se lembrou de que a gloria, que permanece, nunca doira senão os monumentos.

Se os livros gregos e romanos atravessaram os seculos, saudados pelo elogio de todas as edades, é porque a casta formosura, e a perfeição de todas as partes, os tornou com motivo a admiração e o desespero dos imitadores modernos.

O grande merecimento do Garção consistiu no tacto melindroso com que transportava as bellezas horacianas, e os rasgos delicados da musa latina para as galas laboriosamente calculadas da lingua poetica de Camões.

Infelizmente Elpino não seguiu os exemplos do consocio, nem os preceitos do mestre. Para onde o chamava a phantasia paraahi corria sem olhar para traz, sem attender aos obstaculos, sem antever o precipicio.

Em castigo alcançou-o a pena que tambem puniu em Bocage equal delicto; coisas que purificadas das impurezas do primeiro impeto nunca seriam olvidadas, passaram como fugitivas.

Competir com Ovidio no genero, em que o desterado do Ponto não conheceu rival, era já temeridade; mas, em presença dos episodios, de que o vate romano matiza o tecido incomparavel da sua fabula, deslizar o pincel, distinguir as côres, e empastar ás vezes as figuras, equivale a erro voluntario, e não admite escusa.

Curvo Semedo, que tambem se atreveu ao mesmo arrojo, não se descobriu com tanto orgulho, ou antes, não tratou assim de resto o seu nome e fama.

Nas sete *Metamorphoses* que estampou, a critica acha menos que censurar em referencia á forma, ao passo que não pode deixar de reconhecer em Elpi-

no maior elevação, e mais feliz atrevimento na textura e no desenho dos poemas.

E não nos accussem de levemente levantarmos o gigante para com elle suffocarmos a obra que estamos examinando.

Não!

O paradoxo nunca nos seduziu, e não quebraremos em sua defesa as lanças de nenhum torneio.

Exigir de algumas scenas avulsas, traçadas quasi ao acaso, durante os ocios de penosos estudos, a graça, a correccção, e a frescura que sobresaem nas admiradas pinturas de Ovidio, fóra exagerado, além de absurdo.

O fio magico e transparente, que liga entre si tantas historias oppostas, ás vezes, e sempre diversas, só por um prodigio de arte se chega a atar, e depois do Ariosto ninguem possuiu o segredo de o entretecer!

Tirar a unidade do cahos de mil contrarias fabulas, e no meio de um labyrintho inextricavel de lances maravilhosos graduar a luz, accommodar os successos, e regrar o interesse de modo, que nunca escureça a narração, nem as perspectivas se confundam, é vencer juntos em um só combate todos os perigos, que a invenção audaz pode conceber e desafiár.

De mais, para o autor dos *Tristes* o supremo escolho era a monotonia dos desenlaces analogos, uns já vistos, outros presumidos, terminando todos forçadamente pela transformação do protagonista.

Para variar os tons, e figurar como novos, pela phrase e colorido, tantos episodios, estreitamente aparentados no desfecho, que esforço de estylo e de expressão, que flexivel e imaginosa phantasia não carecia de empregar!

Sem fadiga, e brincando com as tintas da sua paleta, Ovidio zomba das difficuldades e subjuga-as. Agora sublime, depois apaixonado, logo risonho e brando, se vos abre por um momento as portas do palacio do Sol, e vos deslumbra, d'ahi a pouco, levando-vos pela mão, pára e mostra-vos em Philemon e Baucis uma belleza ideal e suave, ou em Ceyx e Alcione, em Ajax e Hecuba as lagrimas desaffectedas de uma dôr pathetica.

Não queriamos que Elpino egualasse o mestre; seria exigir o impossivel; mas desejaríamos que puzesse os olhos mais attento nas suas bellezas, e que não cobrisse de tantas sombras a propria obra.

De necessidade a copia havia de ceder ao original; o lavor esmerado de um grande cantor do seculo de Augusto, quando elle empenhou todos os poderes para realçar, seria quasi loucura esperarmos que se repetisse nos versos de uma imitação, que não animavam os sentimentos e as crenças poeticas da epoca finda.

Assim mesmo, e resalvando os defeitos que observámos, as doze *Metamorphoses* do Diniz offerecem mimosos trechos, e quadros de finos toques.

A segunda, dedicada a José Antonio da Silva, e intitulada «O Cristal e o Topazio,» é a narração da catastrophe, em que triumpho o pejo de uma fragueira nympha, invocando os deuses, da bruteza lasciva de amoroso Silvano.

A descripção da isempta formosura, que ateou o incendio no peito ao Satyro, brilha pela viveza e frescura, embora lhe falte a novidade:

Mais alvos do que a neve, que nos Alpes
Congela o frio vento, eram seus membros:
Nas lindas faces, na engraçada bocca

Dos cravos e das rosas a cõr viva,
 Dos olhos doce encanto, lhe briffava:
 E sobre o collo de alabastro fino
 Em crespos fios de oiro lhe ondeava
 O comprido cabello solto ao vento.
 Amor travesso, que em seus olhos mora,
 Tão vivas chammas d'elles despedia,
 Que n'elles sem allivio se abrasavam
 Os fristes corações de mil amantes.

Na primeira «A Tejuca» o poeta assenta a ficção no quadro de outra nymphia, caçadora também, que fugindo á sanha de um tygre, entre o abysmo que se lhe despenha aos pés, e as garras da fera, que já sente quasi em si, eleva aos ceos os olhos e a voz.

Os humes compadecidos escutam a supplica; opera-se o prodigio; e o corpo gentil, desfeito em arroios e cascatas, escapa ao perigo, perdendo a forma.

Disse, e subitamente de seus olhos
 Em borbolhões rebentam duas fontes:
 Pelo nevado collo gotejando
 Os seus soltos cabellos se convertem
 De crystallino humor em longos fios:
 Dos estendidos, torneados dedos
 Ao mesmo tempo aos livres ares pulam
 Borrifando de em torno as verdes plantas,
 Outros tantos esguichos de agua clara:
 E em dois ferventes jorros pouco a pouco
 Resvalando lhe vão os pés formosos.
 Em fim, qual d'alta serra a branca neve
 Com os raios do sol cae derretida,
 Despenhando se vae pela agra serra
 Toda em agua Tejuca transformada.

A «Rosa do Matto» ou Araciba e Guaçu, a oitava da colleção, pecca nos mesmos defeitos das precedentes, e como ellas encerra lances e imagens de verdadeira e sentida poesia.

Mais contrahida, mais retocada em partes, apurando-se em lhe cinzelar melhor o estylo, e distribuidas a luz e as sombras com maior artificio, esta seria sem duvida um dos primores, uma das joias da corôa do Diniz.

Apesar d'isso, e tal como a deixou, ainda pode reputar-se uma das formosas paginas das suas obras.

Guaçu, chamado ás armas, em quanto a ternura o prende nos braços de Araciba, vê-se obrigado a separar-se á voz da patria.

Cem vezes foge á esmorecida amante, e outras tantas volta, sem forças de a perder!

Parte, finalmente, e os olhos d'ella não se cansam de acompanhar o baixel, desfeitos em pranto, até a distancia lh'o esconder.

Entretanto o mancebo, debruçado sobre a entalhada pópa, como que deixava a vista aonde deixava a alma.

Os dias passaram para ambos tristes e pesados com a ausencia, e conversando com a saudade é que os dois podiam alliviar a magoa.

De repente rebenta a vãga noticia de uma crua pejeja, na qual Guaçu, e os mais valentes, tinham vendido cara a vida, combatendo.

Os extremos da desditosa donzella, a dôr aguda que lhe atravessa o peito, e a vehemencia delirante da sua desesperação, descreve-as o poeta com grande calor de affectos, e bellissima viveza de tintas.

Eis alguns dos passos mais sentidos:

No mais vivo da dôr se lhe figura
 Ver a Guaçu, em sangue e pó involto,

D'entre um montão de mortos levantar-se:
 E por ella chamar com mestas vozes.

Da noite o resto passa: porém logo
 Que a assomar começa a róxa aurora,
 Do coldre uma setta arrebatando,
 Pallida e furiosa sae da aldêa,
 Ao porto se endereça, e ali chegando,
 Depois de um curto espaço estar suspensa,
 D'esta sorte exclamou: Guaçu amado,
 Este foi o logar onde tão triste
 A extrema vez te vi, e onde mais triste
 Nas mãos da saudade me deixaste.

D'aqui também será, d'onde minha alma
 Parta a buscar a tua! Então alçando,
 Para o peito cravar, o braço e a setta,
 Sem o poder dobrar, no ar lhe fica
 Alçado o braço, e n'elle a dura setta.
 As plantas quer mover, e as leves plantas
 Pesadas se lhe tornam, e se enterram
 Na fria terra; o corpo se adelgaça,
 E em viçoso arbusto enfim se torna
 De folhas e alvas flores guarnecido.

Depois da transformação da amante, Guaçu torna victorioso, desmentindo a falsa nova. O golpe, que o fere, enlouquece-o. Corre ao sitio aonde floresce o arbusto, e:

Ali com tristes lagrimas o rega
 E entre suspiros mil as suas folhas
 Suas mimosas flores cego beija.

Novo prodigio! Ao ardor dos osculos, e das caricias:

Ellas que até ali a branca neve
 Na alvura imitavam, de repente

Vermelhas se tornaram; dando mostras
 De que inda em nova forma convertida
 Araciba com vel-o e seus extremos,
 Se alegre, folga, e dentro em suas fibras
 De amor o antigo fogo nutre e sente.

Já o dissemos, lutar com a gloria de Ovidio, em um genero, em que não deixou herdeiro, era impossivel; mas, occupar abaixo d'elle um logar distincto, e sobresair, seria coisa facil para Elpino se disciplinasse a musa, e precipitasse menos a indole fogosa. As obras mais elogiadas nunca saíram completas e perfectas do primeiro jacto.

Antes de encerrarmos este estudo pela apreciação do poema herbi-comico o—«Hyssope», resta-nos examinar com summa brevidade o merecimento de Antonio Diniz no genero, em que Esopo, Phedro, Pilpay, e Avieno deixaram nobres modelos, e em que um só autor, Lafontaine, realça acima de todos de tal modo, que os offusca, e quasi os faz esquecer.

Bocage e Curvo Semedo, também experimentaram a aptidão, um com a sua facilidade inquestionavel, e o outro com o seu talento solido, vestindo de galas portuguezas os assumptos, que o poeta latino, e o francez tinham já enriquecido.

A versão de Filinto Elisio vulgarisou depois, mas forçando o estylo e a lingua, a lição agradável do risinho moralista de Paris.

Se a contenda se disputasse entre Belchior, Elmano, e Diniz, de certo que o ultimo seria o vencido.

porque dos dois qualquer o excede muito em narrar com mais sal, e em esboçar com engraçada e singela rapidez, guardando as verosimilhanças á physionomia e costumes dos animaes, postos em scena para instruir.

Mas aonde se levanta o engenho sem rival de Lafontaine, unico e incomparavel perante os antigos e modernos, a luta não pode ter logar, e toda a comparação decae por falta de base.

Elpino, quer desconfiasse de si, quer preferisse, na paixão classica o exemplo greco-romano, afinou o gosto pelas paginas de Phedro e Esopo; por isso as fabulas compostas por elle, por séccas, e magras no desenho, esmorecem a miudo, distingidas da feição alegre e familiar, que a locução pittoresca, brandamente maliciosa de Lafontaine empresta ás suas.

Não ha ali quadro, ou imagem visivel da natureza campestre, nem caracteres pintados do vivo, nem aquella sensibilidade fina e avivada pelo chiste picante da phrase, que farão sempre do autor dos *Contos*, o poeta estimado e o conselheiro valido de todas as epochas e edades.

Em vez da moralidade nua e simples de Esopo, e da pureza concisa, e irreprehensivel de Phedro, na collecção do amigo de Fouquet a verdade, chistosa e amavel, insinua-se por todos os poros da narração, e quer louve, quer estranhe, nunca perde o ar de riso, e o tom galhofeiro, senão em dados momentos, para se elevar ao sublime, como no apologo admirado do «Leão e do Mosquito,» ou para se enternecer com desaffecteda melancolia, deslizando-se-lhe uma lagrima sobre o verso, como na linda fabula dos «Dois Pombos.»

Dotado d'um juizo perspicaz e d'uma razão firme, Lafontaine, creando as monarchias e as republicas do reino animal, compoz um mundo novo, aonde as vaidades, o ridiculo, e os vicios contrastam pela seriedade comica do estylo.

A allegoria, veo transparente, e caprichoso, só esconde a meio a allusão para lhe tirar o cunho acerbo de pessoal.

Nas scenas que figura, tudo é natural e acabado, tanto no character e no dialogo dos interlocutores, como na resumida acção dramatica.

O mesmo Tartufo teria que aprender na adocicada hypocrisia do gato, preso na rede, quando procura persuadir o rato a que lhe roa as malhas, dizendo-o a menina dos seus olhos, e affirmando, que se tinha saído tão cedo fóra só para fazer oração, como era dever e uso de tão devota creatura!

Elpino, ignoramos porque, preocupou-se pouco do traslado francez, e só estudou as paginas de Esopo e de Phedro.

De ordinario reduz a allegoria a um esboço fugitivo, e inscreve-lhe depois a moralidade.

Eis para exemplo do seu methodo o III Apologo.

Uma aguia generosa a uma andorinha,
Motejando dizia: forte presa,
E forte bico tens, ave mesquinha!
Teu genio ver de perto o sol despresa,
Voando á terra sem cessar visinha:
De taes dons graças dá á natureza.
Mas em quanto vaidosa assim discorre
As mãos d'um caçador a triste morre.

Para darmos idéa da riqueza de estylo, com que Lafontaine sabe animar as scenas dos seus apologos, citaremos da fabula do Leão e do Mosquito, a formosa descripção da furia do rei dos animaes, vendo-se escarnecido pelo mais vil dos inimigos.

É um espectáculo, a que nada falta, desde a harmonia imitativa até á expressão energica e pittoresca.

Le quadrupède écume, et son oeil étincelle;
Il rugit; on se cache, ou tremble à l'environ,
Et cette alarme universelle

Est l'ouvrage d'un moucheron.

Un avorton de mouche en cent lieux le harcelle;
Tantôt pique l'échine, et tantôt le museau,
Tantôt entre au fond du naseau.

La rage alors se trouve a son faite montée.
L'invisible ennemi triomphe, et rit de voir
Qu'il n'est griffe ni dent, en la bête irritée,
Qui de la mettre en sang ne fasse son devoir.
Le malheureux lion se déchire lui-même,
Fait résonner sa queue à l'entour de ses flancs,
Bat l'air, qui n'en peut mais; et sa fureur extreme
Le fatigue, l'abat; le voilà sur les dents.

Francisco Manuel na sua versão não nos parece muito feliz, quando tenta transportar para a nossa lingua as bellezas do mais intraduzivel dos poetas.

Note-se como o velho Filinto, não podendo orçar pelo original, o ladeia, e para se vingar, empenha todas as opulencias do seu thesouro.

Embalde! Os toques sublimes de Lafontaine tem o relevo da dicção familiar, e basta que a sua penna deixe cair um vocabulo cheio de sal atico para a transição ficar caracterisada, e a narração volver ao tom que lhe é proprio.

Trombeta de si mesmo, e seu heroe, (1)

Toca a investir; e pondo-se de largo,
Lança as linhas, e atira-se ao pescoço

Do leão, que enlouquece,

Que espuma, que nos olhos relampeja.
Ruge horrendo, e pavor em roda infunde,
Tão riço, que estremece, e que se esconde
Toda a gente. — E era obra de um mosquito
Tão insolito susto.

Atormenta-o essa esquirola de mosca,
Que ora belfas lhe pica, ora o costado,
Ora lhe entra nas ventas.

Então lhe sobe ao galarim a sanha,
Então triumpho, e ri do seu contrario
O invencivel, de ver no irado bruto
Que dentes, garras, em laval-o em sangue
Seu dever desempenham.

O coitado leão se esfola, e rasga,
Dá n'um, n'outro quadril co'a cauda estalos,
Fere, a mais não poder, co'açoite os ares.
D'esse extremo furor, que o cansa, e quebra
Fica prostrado e torvo.

Diniz fica bem longe do fabulista incomparavel, e mesmo do traductor, que mais de perto lutou com as difficuldades de lhe imitar o gosto e as locções.

Mas se n'esta liça perdeu o escudo, e rendeu as armas, quando propoz combate á musa satyrica de Boileau, não descora, e sae da peleja não só brioso, mas em partes com vantagem e louvor até.

Nem tudo é para todos, e Elpino, esquecendo-o frequentemente, arriscou-se a cair, aonde nem sequer devera ter pisado.

Continua.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(1) O Mosquito.